



EPIDEMIA E BIOPODER: “A MÁSCARA DA MORTE RUBRA”, DE EDGAR ALLAN POE

OUTBREAK AND BIOPOWER: “THE MASQUE OF THE RED DEATH”, BY EDGAR ALLAN POE

Alessandra Leles Rocha¹

Fernanda Aquino Sylvestre²

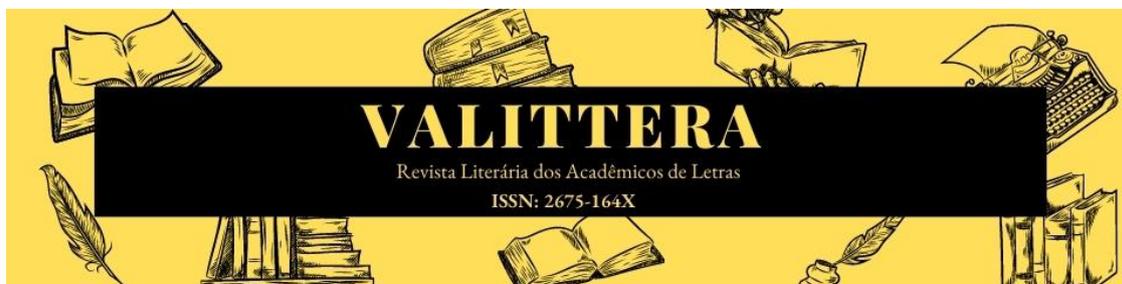
RESUMO: O século XXI inaugura o cenário apocalíptico das grandes epidemias com a disseminação de um desconhecido vírus, o SARS-COV-2, causador da COVID-19. Embora essa não seja a primeira experiência, visto que o planeta já esteve frente a frente com outras grandes epidemias. Entretanto, pela expressão do processo de individualização da sociedade, essa pandemia não só fez emergir e visibilizar as desigualdades, como apontou o seu retrato mais cruel ao expor a faixa de vulnerabilidade que separa os cidadãos entre aqueles com mais possibilidade de sobrevivência daqueles com menos possibilidade. O que significa que ela favoreceu tecer um novo realinhamento existencial a partir das divisões e antagonismos sociais, as quais possibilitavam emergir diversas posições de sujeito para os indivíduos. No entanto, como o ser humano não se nutre apenas de reflexões em nível da realidade imediata, científica e factual, para compreender o universo em que habita, os homens buscam, também, a via literária. Visto que ela está à disposição para um exercício de leitura que tende a balizar as percepções no intuito de conduzi-las a questionamentos ou eventuais problematizações. Este artigo, então, busca construir uma reflexão sobre o papel da literatura gótica, por meio do conto “*A Máscara da Morte Rubra*”, escrito e publicado em 1842, por Edgar Allan Poe, como gatilho eventual para a construção de uma consciência literária, que implica na composição de uma leitura crítica e reflexiva capaz de perceber e compreender as entrelinhas textuais, neste caso a relação entre a epidemia e o conceito foucaultiano de Biopoder.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Norte-Americana; Edgar Allan Poe; Epidemia; Biopoder.

ABSTRACT: The 21st century opens the apocalyptic scenario of major outbreaks with the spread of an unknown virus, SARS-COV-2, which causes COVID-19. Although this is not the first experience, since the planet has already been face to face with other major outbreaks. However, the expression of the process of individualization of society, the pandemic did not only emerge and make visible inequalities, as pointed out his picture crueler to expose the vulnerability range between the citizens among those with more possibility of those survivals with less chance. Which means that it favored weaving a new existential realignment from social

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia – Brasil. Graduada em Letras, Habilitação em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa, pela Universidade Federal de Uberlândia – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5620-4801>. E-mail: lelesrocha.a@gmail.com.

² Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil. Realizou Estágio pós-doutoral em Letras na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil. Professora Associada I da Universidade Federal de Uberlândia – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9387-1395>. E-mail: fernandasyl@uol.com.br.



divisions and antagonisms, which allowed the emergence of different subject positions for individuals. However, as the human being is not only nourished by reflections at the level of immediate, scientific and factual reality, to understand the universe in which he lives, men also seek the literary path. Since this is available for a reading exercise that tends to guide perceptions in order to lead them to questioning or possible problematization. This article, then, seeks to build a reflection on the role of Gothic literature, through the short story “*The Mask of Red Death*”, written and published in 1842, by Edgar Allan Poe, as an eventual trigger for the construction of a literary conscience, which implies the composition of a critical and reflective reading capable of perceiving and understanding the textual lines, in this case the relationship between the outbreak and the Foucaultian concept of Biopower.

KEYWORDS: North American Literature; Edgar Allan Poe; Outbreak; Biopower.

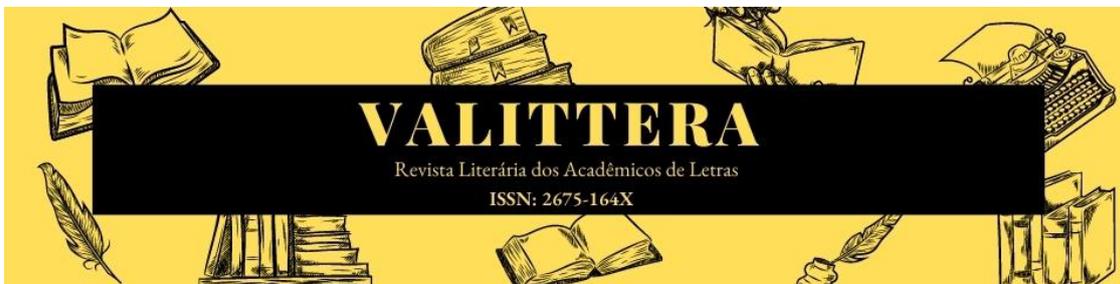
1 INTRODUÇÃO

O século XXI inaugura o cenário apocalíptico das grandes epidemias com a disseminação de um desconhecido vírus, o SARS-CoV-2, causador da COVID-19, uma doença infectocontagiosa que pode afetar com severidade o trato cardiorrespiratório e desenvolve, em alguns pacientes, sequelas de natureza neurológica, renal e, em algumas crianças, dermatológica (Síndrome de Kawasaki). (OPAS-BRASIL, 2020).

Como qualquer outra doença semelhante, antes que se tenham informações seguras, cientificamente comprovadas e tratamentos curativos e preventivos efetivos, a COVID-19 deixará um rastro de mortes, questionamentos e desdobramentos de ordens sociopolíticas e econômicas preocupantes.

Conforme se nota, atualmente, o mundo não estava preparado para um evento pandêmico dessa magnitude, por isso houve uma ruptura de dimensões sem precedentes na dinâmica da sociedade. Isolamentos sociais totais, denominados *lockdown*, foram necessários em diversas cidades do mundo, em decorrência de colapsos na logística para atendimento dos doentes, falta de UTIs, permanecendo em funcionamento, por esse motivo, apenas serviços considerados essenciais. Grandes centros como Nova Iorque, Milão, Barcelona, bem como cidades adjacentes a esses locais, sofreram com esse tipo de fechamento.

O uso de máscaras, a prática de distanciamento em ambientes públicos e privados e o isolamento social tornaram-se medidas fundamentais no processo de controle pandêmico, na medida em que a maioria dos medicamentos testados para curar a doença não mostraram eficácia ou segurança para os pacientes. Além disso, ainda que acelerados os processos de



criação e testagem de vacinas, a doença corre em um ritmo muito mais intenso do que a ciência consegue alcançar.

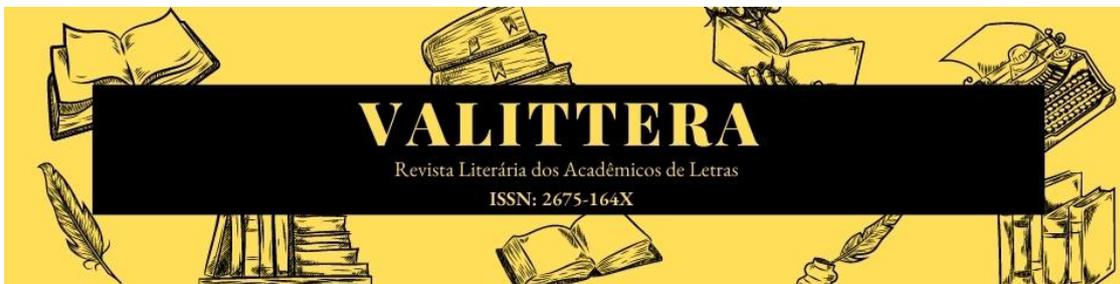
A reação populacional de cuidados frente à Pandemia foi aquém das expectativas. Nem mesmo diante da gravidade da situação, a maioria da população conseguiu ser coesa e empática em favor da vida, comprovando, de certo modo, na prática, o que afirmava Zygmunt Bauman a respeito da sociedade Pós-Moderna, ou como ele chamava, Modernidade Líquida.

Para Bauman (2001) isso significa que

a desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder, que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga. Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado. Os poderes globais se inclinam a dismantelar tais redes em proveito de sua contínua e crescente fluidez, principal fonte de sua força e garantia de sua invencibilidade. E são esse derrocar, a fragilidade, o quebradiço, o imediato dos laços e redes humanos que permitem que esses poderes operem. (BAUMAN, 2001, p. 21-22).

Nesse contexto, “o interesse público é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissões de sentimentos privados” (BAUMAN, 2001, p. 46), de modo que se perde

todo e qualquer sentido de solidariedade e compreensão do outro, modificando e desvirtuando a noção de moral. Desde o descobrimento do uso da racionalidade instrumental, o homem nunca se preocupou em definir valores éticos e morais, fator que na modernidade líquida atingiu proporções catastróficas que vão além das guerras e disputas de poder, envolvendo a degradação ambiental, poluição, produção e reprodução da miséria humana, além de diversos outros problemas contemporâneos. Tudo isso em função da satisfação da subjetividade e vontade individual. Outra consequência da individualização da sociedade e dos seus membros é a desintegração da cidadania e o esvaziamento do verdadeiro espaço público e sua transformação em ambiente de discussão de vida privada. Dessa forma, a política pública também se esvaziou de conteúdo verdadeiramente público, da tarefa de cuidar dos interesses públicos e trata de cuidar dos interesses



econômicos privados, cedendo às pressões do capital. (OLIVEIRA, 2012, p. 30-31).

Isso significa que a Pandemia, pela expressão do processo de individualização da sociedade, não só fez emergir e visibilizar as desigualdades, como apontou o seu retrato mais cruel ao expor a faixa de vulnerabilidade que separa os cidadãos entre aqueles com mais possibilidade de sobrevivência daqueles com menos possibilidade.

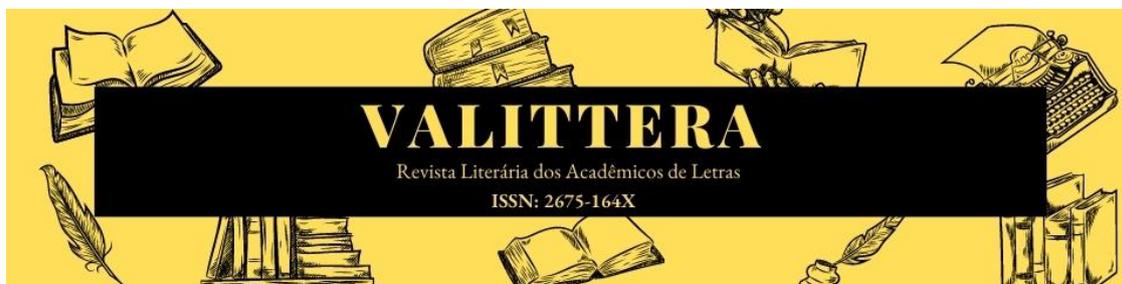
Dentro dessa conjuntura, abre-se espaço para a discussão do conceito de Biopoder proposto por Michel Foucault, entre 1974 e 1979. O Biopoder, de acordo com o filósofo significa “o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder” (FOUCAULT, 2008, p. 3).

A análise de Foucault é, portanto, importante na elucidação de aspectos que vão além do comumente tangível à percepção da grande massa populacional. Foucault lança um olhar que envolve a sobrevivência humana nos limites entre a vida e a morte.

No entanto, como o ser humano não se nutre apenas de reflexões em nível da realidade imediata, científica e factual, para compreender o universo em que habita, os homens buscam, também, a via literária.

Por isso, a literatura desempenha um importante papel, enquanto válvula de escape, descortinando infinitas possibilidades para a compreensão e a assimilação da vida, afinal de contas,

a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. Nesse sentido, o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado da rotina, leva o leitor a refletir sobre seu cotidiano e a incorporar novas experiências (cf. ISER, 1993). (ZILBERMAN, 1990, p. 17).



Pode-se notar esse efeito duplo da literatura no conto “*A Máscara da Morte Rubra*”, escrito e publicado em 1842, por Edgar Allan Poe, uma história que descreve uma epidemia por meio do terror, do gótico e “mostra ao leitor o que não é convencional em narrativas, mas que está presente em cada um de nós” (BEGHINI, 2010 apud SILVA, 2012, p. 240). O gótico

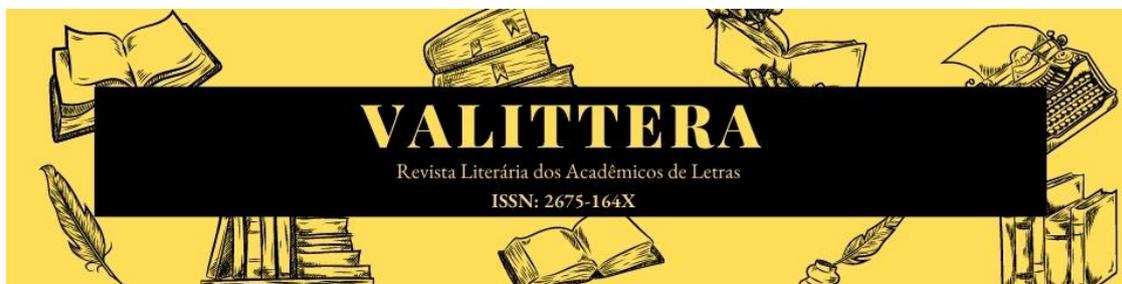
é uma escrita expressional, geralmente em prosa, também burguesa, que surge no século XVIII, na Inglaterra, como uma possível vertente de manifestação do pré-romantismo e do romantismo (sem, contudo, esgotar-se nesses períodos), na medida em que assim como estes, o gótico se revela transgressor em relação a formas consagradas de elaboração textual. (SOUZA; CAVALCANTE, 2014, p. 11).

Assim, esse artigo busca construir uma reflexão sobre o papel da literatura gótica, por meio do conto “*A Máscara da Morte Rubra*”, como gatilho eventual para a construção de um letramento literário, que implica na composição de uma leitura crítica e reflexiva capaz de perceber e compreender as entrelinhas textuais, neste caso a relação entre a epidemia e o conceito foucaultiano de Biopoder.

2 AS PALAVRAS, A LITERATURA E O TEMPO

Segundo Antunes (2005),

escrever é uma atividade que retoma outros textos, isto é, que remonta a outros dizeres. De forma mais ou menos explícita, estamos sempre voltando a outras fontes, (ou a outras “vozes”, como se costuma dizer), próximas ou remotas. Nunca somos inteiramente originais. Nosso discurso vai-se compondo pela ativação de conhecimentos já adquiridos. Em alguma medida, todo texto comporta procedimentos de recapitulação e de reenquadramento de outros que ouvimos ou lemos. Fizemo-nos e fazemo-nos, individualmente, na rede coletiva de todos os discursos com que entramos em contato. Fizemo-nos e fazemo-nos no convívio social dos conhecimentos partilhados. (ANTUNES, 2005, p. 35).



Quando se observa a Pandemia de COVID-19 desse século XXI, fica cada vez mais perceptível o modo como as palavras adquirem um papel fundamental na compreensão e constituição do momento temporal.

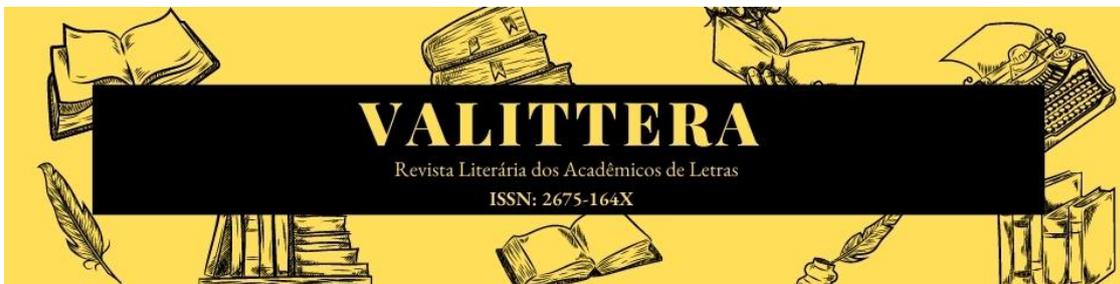
Na velocidade do mundo digital, as palavras proliferam e inundam as relações humanas com suas ideias, respostas, reflexões e indagações muitas vezes sem respostas. Se elas irão caber ou não na compreensão das pessoas, isso dependerá, em grande parte, das escolhas em termos de leitura e do modo como se lê. De acordo com Coracini (2005),

ler pode ser definido pelo olhar: perspectiva de quem olha, de quem lança um olhar sobre um objeto, sobre um texto, seja ele verbal ou não. Esse olhar pode ser direto, atravessado ou enviesado, conforme o leitor, o espectador, o observador, sua bagagem de vida, o contexto social no qual se insere: momento e espaço (lugar), suas expectativas, que alguns denominam projeto, intenção ou objetivo. Nem sempre ou quase nunca tais expectativas são conscientes. (CORACINI, 2005, p. 19).

De maneira prática e objetiva isso se dá, principalmente, pelo chamado letramento literário, que tem como pilar estrutural “contribuir na construção de uma sociedade mais crítica, como também, pode elevar o nível de aprendizado dentro e fora das escolas” (BORGES; PAES, 2017, p. 245).

O letramento literário, então, expande as possibilidades do

poder transformador da leitura, que se concretiza como uma ferramenta importante para a aquisição de conhecimento, como também, ferramenta que possibilita a leituras não somente de nós mesmos, enquanto sujeitos críticos, como, também, a leituras ideológicas que existem em nossa sociedade. [...] esse olhar além de proporcionar à reflexão em inúmeros aspectos da vida, a literatura cria no indivíduo um lugar privilegiado. Ele pode ‘vivenciar’ e analisar inúmeras situações (entre outras coisas, como, por exemplo, sentimentos), a partir da leitura, da literatura. Este tipo de qualidade estética encontrada em exemplares da literatura, aliada as inúmeras interpretações que podem ser realizadas do texto literário, abrem as portas para que o aluno veja de forma crítica a figura dele enquanto indivíduo inserido em uma sociedade, assim como, se posicione perante situações que demandem certa maturidade crítico-intelectual. (BORGES; PAES, 2017, p. 246).



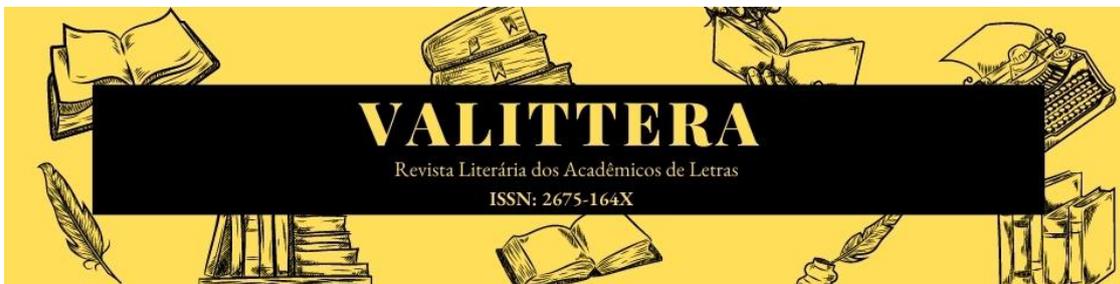
Não é à toa, então, que a Literatura tenha não só um espaço reservado nas sociedades, mas desfrute de uma atemporalidade que auxilia o leitor na construção da sua própria perspectiva de leitura. Isso significa que ela está à disposição para um exercício de leitura que “pode ser feito apenas para confirmar nossos pontos de vista ou para problematizar, questionar o que, aparentemente, não pode ou não deve ser questionado” (CORACINI, 2005, p. 39).

Afinal, ela passa a constituir um leitor que deve ser

entendido não como uma folha em branco sobre a qual o texto vai imprimir seu sentido, mas como leitor socializado e inserido em contextos históricos concretos, o qual carrega consigo o repertório das obras já lidas, dos valores e das ideias que regem o sistema literário no qual se inscreve e que formam suas molduras interpretativas. Postula-se que um livro não pode ser lido da mesma maneira, sobretudo em momentos históricos diversos. Assim, entendendo o fenômeno literário como um processo dialógico e valorizando a dimensão da recepção e do efeito (estético) da obra sobre o leitor como chave para sua inteligibilidade [...] (BOTELHO; HOELZ, 2016, p. 268).

Porque “a literatura, assim como outros produtos culturais, constitui uma construção social que, ao mesmo tempo, ‘reflete’ a sociedade, o tempo e a circunstância de sua produção” (ALBRECHT, 1954; PETERSON, 1979, GRISWOLD, 1981 apud BOTELHO; HOELZ, 2016, p. 266).

Portanto, para alcançar a sua consagração como atividade individual e coletiva, a literatura desempenha importante papel como “o elo entre a leitura do mundo, e o mundo da leitura, o despertar da criticidade de cada indivíduo e a afirmação de sua identidade como cidadão” (BORGES; PAES, 2017, p. 247), porque “envolve tanto a decifração do código ou decodificação propriamente dita quanto à construção de sentidos (ou construção de coerência)” (SANTOS; MENDONÇA, 2005. p. 16).



3 A ESTREITA RELAÇÃO ENTRE O GÓTICO E O TERROR

Embora oriundas de vertentes distintas, a Literatura Gótica e a Literatura de Terror convergem para um ponto de ruptura essencial para o ser humano, como se essa leitura lhe imprimisse ranhuras existenciais capazes de descortinar algumas verdades inconvenientes sobre si mesma e sobre o mundo.

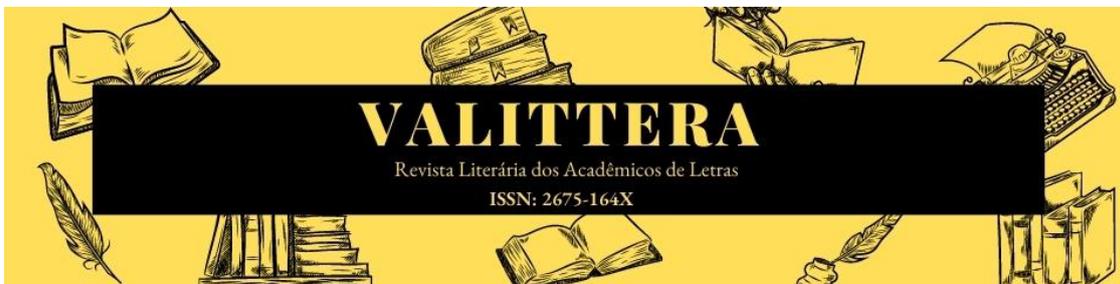
Uma ressalva importante a se fazer em relação à literatura de Terror, é que no contexto desse artigo, não haverá uma distinção entre os termos terror e horror. Esse esclarecimento é importante, porque como explicam Dalcanalle e Massagli (2015),

o horror seria a emoção presente na superfície do texto, é a mostra de que algo não está normal, mas que pode ser explicado com argumentos convincentes (reais), pode-se dizer que é algo nojento, mas suportável. Já o terror é a emoção imaginada e experimentada pela mente. Alguns ruídos no sótão, batidas na porta, o barulho do vento, galhos quebrando se tornam aterrorizantes quando imaginados por uma mente criativa, que não acredita serem apenas barulhos naturais, mas que existe alguém ou algo por trás. A repulsa se enquadra no último nível, pois é a emoção mais forte que se possa sentir ao ler um livro de terror, é visualizar algo repugnante, a pior coisa que possa ser possível fazer com um corpo humano ou animal (contar detalhadamente a separação dos membros de uma pessoa, ou um assassinato, ou acidente, entre outras possibilidades). (DALCANALLE; MASSAGLI, 2015, p. 6).

Assim, o terror pode figurar tanto como gênero individualizado, quanto permeado dentro da Literatura Gótica, por exemplo, tornando-se um recurso literário, visto que

o mundo da literatura gótica é apresentado como o mundo das sombras, do medo, que atrai e, ao mesmo tempo, repele: “O terror e, portanto, o suspense, é a característica principal da literatura gótica. Como tal, ele deve ser resolvido, sob pena de cair exclusivamente no horrível ou no absurdo (ambos, em si só e contraditoriamente, assustadores)” (ROSSI, 2008, p. 67).

Pereira e Lima (2018), a fim de tornar mais fácil entender o papel do terror na Literatura Gótica, consideram que ela



expressa uma reação às ideias excessivamente racionalistas difundidas pelos neoclássicos, que tentavam impor sua forma organizacional ao mundo, negando a existência de todo e qualquer tipo de força sobrenatural: “reação aos mitos iluministas, às narrativas de progresso e de mudança revolucionária por meio da razão, o gótico surge para perturbar a superfície calma do realismo e encenar os medos e temores que rondavam a nascente sociedade burguesa”. (VASCONCELOS, 2002, p. 122). Souza e Cavalcante (2014, p. 11) corroboram, ao valorizar o sobrenatural, as forças demoníacas, o medo excessivo, elementos que os iluministas pretendiam descartar, “relegar ao esquecimento”, o gótico propõe uma ruptura com os padrões vigentes, baseados na razão e na moral. (PEREIRA; LIMA, 2018, p. 51).

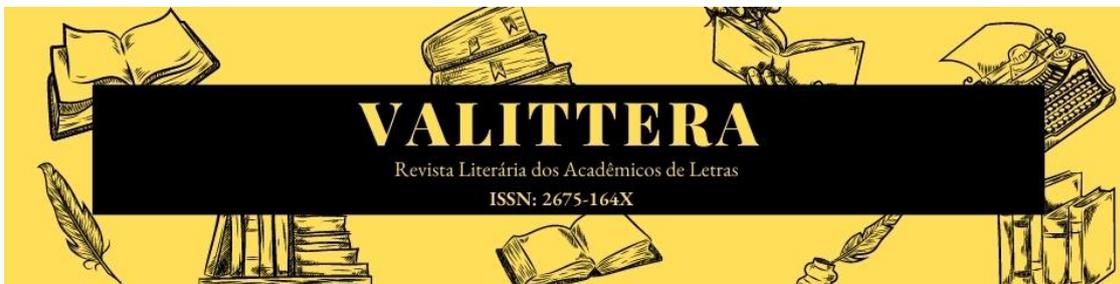
Portanto, o processo de leitura da literatura gótica inevitavelmente promove tanto uma inquietude, quanto certo incômodo ao leitor, pois significa que a vida foi colocada sob a ótica metafórica da literatura, destilando a realidade sem eximir a reflexão. Daí a existência de um culto ao caos, ao sobrenatural, ao medo e ao melancólico:

o gótico, dessa forma, vem colocar um toque de irracionalidade no nosso mundo tão real, tão organizado, tão lúcido, ao fazer-se surgir da própria realidade que tanto prezamos. Ele nos deixa, portanto, suspensos entre dois universos: o real e o imaginário. (ROSSI, 2008, p. 55).

Retomando-se, então, a ideia de que “toda leitura é permeada pelo contexto histórico, político, social e cultural que dá vida aos textos ficcionais” (PEREIRA; LIMA, 2018, p. 54) evidencia-se que a literatura gótica pode contribuir para o letramento do leitor. Afinal, “o romance gótico expõe críticas à sociedade, de uma forma refinada e irônica. Em especial, o gótico literário comporta importantes discussões e questionamentos sobre determinados padrões sociais” (PEREIRA; LIMA, 2018, p. 54).

4 AS EPIDEMIAS E O PAPEL DO BIOPODER NAS SOCIEDADES

Lederberg, Prêmio Nobel de Medicina em 1958, pela voz da ciência respaldada pelas experiências humanas ao longo dos séculos, já advertia sobre o perigo dos vírus para a humanidade, “The single biggest threat to man’s continued dominance on this planet is the vírus” (A maior ameaça ao domínio contínuo do homem neste planeta é o vírus.)



(RODRIGUES, 2020, n.p., tradução nossa). No momento é o SARS-CoV-2, o vírus causador da COVID-19, que ameaça a sobrevivência da humanidade no século XXI.

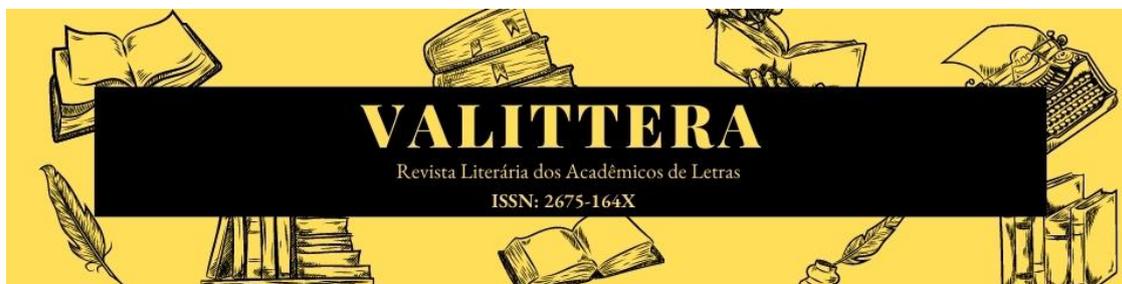
Bem antes do COVID-19, o planeta já esteve frente a frente com outras grandes epidemias. Isso porque,

em virtude das condições sanitárias das cidades e do desconhecimento da etiologia das doenças infecciosas, grandes epidemias assolaram as nações no passado, dizimando suas populações, limitando o crescimento demográfico, e mudando, muitas vezes, o curso da história. (REZENDE, 2009, p. 73).

Nesse contexto, então, pode-se citar a ocorrência da Peste Negra ou Peste Bubônica, no século XIV, causada pela bactéria *Yersinia pestis*, muito comum em ratos; a Variola, encontrada também entre os séculos XIX e XX, causada pelo *Orthopoxvirus* (Variola vírus); a Gripe Espanhola, no século XX, causada pelo *Influenza* vírus e transmitida pelo ar e fômites; o Tifo ou Febre Tifoide, no século XX, causado por bactérias do gênero *Rickettsia*, transmitida pela pulga do rato; a Febre Amarela, no século XX, causada por um vírus do gênero *Flavivirus*, transmitida pela picada dos mosquitos do gênero *Aedes*; o Sarampo, no século XX, causado pelo vírus *Morbillivirus* e transmitido de pessoa para pessoa; e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), no século XX, causada pelo vírus HIV e transmitida pelo sangue, esperma, secreção vaginal e leite materno (UJVARI, 2003).

A presença de tantas epidemias é apenas uma amostra dos inúmeros desafios que a humanidade precisa enfrentar, afinal, não só os agentes infecciosos ameaçam a vida na Terra. Segundo explica Berlinguer (1999), há

problemas de patologia social que produzem nos seres humanos consequências destruidoras semelhantes às das doenças. São os seguintes: recrudescência de antigas infecções e surgimento de novas; poluição ambiental, em suas implicações para com a saúde; mundialização dos tóxicos; formas de violência destruidora e autodestruidora. (BERLINGUER, 1999, p. 27).



O fato é que as patologias, em todas as suas faces (sociais, psicológicas ou físicas) impõem obstáculos muito além da própria ciência, obstáculos da ordem do social, do político e do econômico tanto em nível local, quanto global. Isso quer dizer, então, que

se não se inverter a tendência, um duplo conflito há de se agravar para todos nós e para a sociedade em que vivemos. Conflito entre a moral e a atividade prática cotidiana: por um lado, ser chamado e obrigado a reparar, tardia e insuficientemente, os danos previsíveis e preveníveis causados à saúde e à integridade humana; por outro, ter de fazê-lo com meios técnico-científicos mais aperfeiçoados, sim, mas em condições social e economicamente mais difíceis, com recursos e apoio públicos menores. Pode-se até ser chamado a decidir, entre esta e aquela pessoa, a quem cabe ou não viver. Abismo moral, para profissões e atividades originadas e desenvolvidas para trabalhar a favor de todas as vidas humanas, e drama para quem tiver de governarem tais condições os destinos da coletividade. (BERLINGUER, 1999, p. 38).

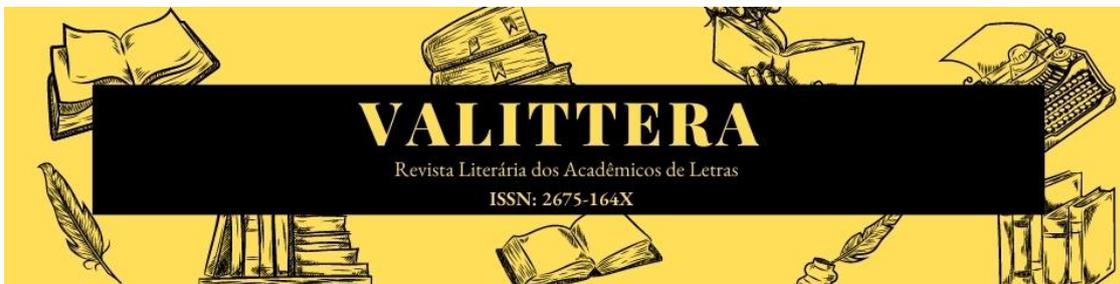
Nesse sentido, as reflexões de Foucault sobre o Biopoder dão sustentação a preocupações acerca da ameaça da vida, porque segundo ele “vivemos num regime em que uma das finalidades da intervenção estatal é o cuidado do corpo, a saúde corporal, a relação entre as doenças e a saúde, etc.” (FOUCAULT, 2010, p. 171).

Essa intervenção se expressa primeiramente pelo

privilégio da higiene e o funcionamento da medicina como instância de controle social. A velha noção de regime entendida como regra de vida e como forma de medicina preventiva tende a se alargar e a se tornar o "regime" coletivo de uma população considerada em geral, tendo como tríplice objetivo: o desaparecimento dos grandes surtos epidêmicos, a baixa taxa de morbidade, o aumento da duração média de vida e de supressão de vida para cada idade. Esta higiene, como regime de saúde das populações implica, por parte da medicina, um determinado número de intervenções autoritárias e de medidas de controle. (FOUCAULT, 1989, n.p., grifo do autor).

Mas, também, por um hospital que

tende a se tornar um elemento essencial na tecnologia médica: não apenas um lugar onde se pode curar, mas um instrumento que, em certo número de casos graves, permite curar. É preciso, por conseguinte, que nele se articulem o saber médico e a eficácia terapêutica. (FOUCAULT, 1989, n.p.).



No entanto, o fato é que todos esses pontos convergem para “um poder exercido por estruturas administrativas e de governo, que pressupõe a existência de um vínculo intrínseco entre a prosperidade e o extermínio” (FURTADO; CAMILO, 2016, p. 37), de modo que esse extermínio vai muito além da segregação e separação social e ideológica, para alcançar a concepção de que “a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal) é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura” (FOUCAULT, 1999, p. 305).

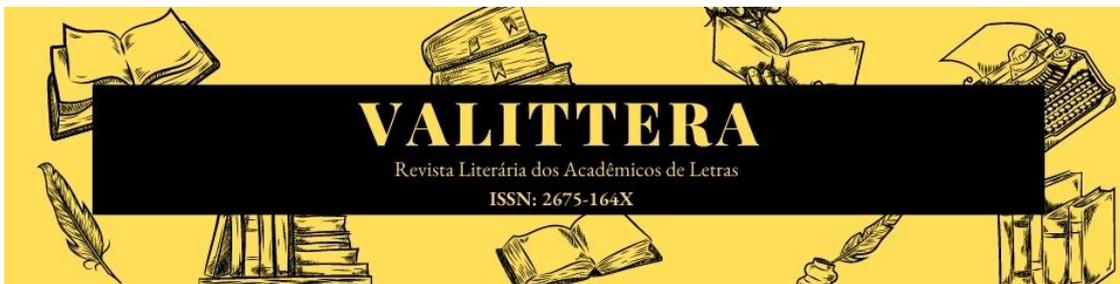
Foucault apresenta um elemento complementar ao Biopoder, que “centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar”, cujos “processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: uma Biopolítica da população” (FOUCAULT, 1988, p. 130).

Pela visão desse processo se percebe que “a análise do Biopoder somente poderá efetuar-se mediante o entendimento daquilo que teria sido a racionalidade política predominante em nossa sociedade na contemporaneidade: a saber, o liberalismo e o neoliberalismo” (FURTADO; CAMILO, 2016, p. 39), ou seja, “o pensamento político buscará determinar o que é útil fazer, reconhecendo como seu objeto privilegiado os jogos de interesses humanos” (FOUCAULT, 2008b apud FURTADO; CAMILO, 2016, p. 39).

Assim, Diniz e Oliveira (2014), a partir desse contexto, esclarecem que

no Biopoder haverá uma tecnologia de poder voltada para o ‘fazer viver’ e o ‘deixar morrer’, que será um poder que vai se encarregar da preservação da vida, eliminando tudo aquilo que ameaça a preservação e o bem-estar da população. (DINIZ; OLIVEIRA, 2014, p. 144).

Dessa maneira, é possível tecer “uma análise das relações entre vida e poder, lançando luz sobre os dispositivos de assujeitamento, engendrados pela civilização ocidental” (FURTADO; CAMILO, 2016, p. 41).



4 A MÁSCARA DA MORTE RUBRA, DE EDGAR ALLAN POE

Nascido em Boston, nos Estados Unidos, no dia 19 de janeiro de 1809, Edgar Allan Poe teve vida tão conturbada de sofrimentos e reveses, que sua morte não dispõe de um registro formal (embriaguez, diabetes, sífilis, raiva, ou doenças cerebrais raras), apenas se sabe que ela ocorreu em 07 de outubro de 1849, tendo ele pouco mais de 40 anos completos.

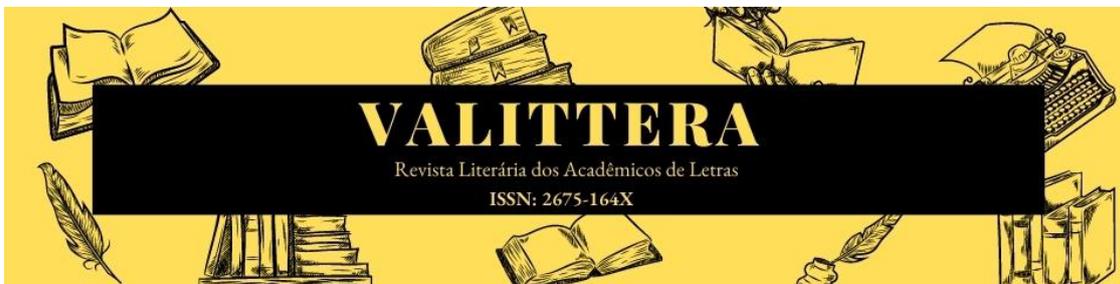
Talvez advenha dessas adversidades a genialidade e os traços literários que consagraram Poe como o maior expoente da Literatura Fantástica. “Poe foi, e ainda é, a base concreta para grandes escritores de horror ao longo da história e suas obras servem como referência para conhecidíssimos escritores, tais como Lovecraft, Clive Barker, Anne Rice, Stephen King, e o brasileiro André Vianco” (SILVA, 2012, p. 244).

Isso porque, as obras do escritor tratam o sobrenatural de maneira subjetiva, ou seja,

têm um teor poderoso de impessoalidade, comprovada por sua poderosa capacidade de fazer o leitor não perceber a existência de um narrador, como se o próprio leitor estivesse vivenciando o que a história narra. Além disso, suas obras exploram algo que será muito utilizado na literatura de horror: o suspense. (SILVA, 2012, p. 244).

Essas características das obras de Poe, acima citadas, são facilmente perceptíveis no conto “*A Máscara da Morte Rubra*”, escrito por ele em 1842. Desse modo, alicerçando o clima de mistério e suspense da história, Edgar Allan Poe traz um narrador em terceira pessoa (narrador onisciente), que dispõe de um conhecimento de toda a história e é capaz, portanto, de oferecer ao leitor os detalhes espaciais, temporais e comportamentais, como se lê no trecho abaixo:

Por muito tempo a ‘Morte Rubra’ devastara o país. Jamais pestilência alguma fora tão mortífera ou tão terrível. O sangue era seu avatar e seu sinal — a vermelhidão e o horror do sangue. Surgia com dores agudas, súbitas vertigens; depois, vinha profusa sangueira pelos poros e a decomposição. As manchas vermelhas no corpo, em particular no rosto da vítima, estigmatizavam-na, isolando-a da compaixão e da solidariedade de seus semelhantes. A irrupção, o progresso e o desenlace da moléstia eram coisa de apenas meia hora. (POE, 2013, n.p.).



“*A Máscara da Morte Rubra*” é, então, uma história fictícia sobre uma epidemia que assola um reino, publicada em pleno século XIX; mas, assemelha-se à realidade da Pandemia da COVID-19, no século XXI. Trata-se do imponderável da vida rompendo todos os paradigmas e nivelando ao mesmo patamar os seres humanos por meio da iminência da morte.

Constituído por um tripé de personagens – O Príncipe, a Morte Rubra e “um milheiro de amigos sadios e frívolos, escolhidos entre os fidalgos e damas da corte” (POE, 2013, n.p.), o conto evidencia as desigualdades sociais e a demarcação de territórios, enaltecendo a força pela demonstração do poder e da riqueza:

Mas o príncipe Próspero sabia-se feliz, intrépido e sagaz. Quando seus domínios começaram a despovoar-se, chamou à sua presença um milheiro de amigos sadios e frívolos, escolhidos entre os fidalgos e damas da corte, e com eles se encerrou numa de suas abadias fortificadas. Era um edifício vasto e magnífico, criação do gosto excêntrico, posto que majestoso, do próprio príncipe. Forte e alta muralha, com portões de ferro, cercava-o por todos os lados. Uma vez lá dentro, os cortesãos, com auxílio de forjas e pesados martelos, rebitaram os ferrolhos, a fim de cortar todos os meios de ingresso ao desespero dos de fora, e de escape, ao frenesi dos de dentro. A abadia estava amplamente abastecida. Com tais precauções, podiam os cortesãos desafiar o contágio. O mundo externo que se arranjasse. Por enquanto, era loucura pensar nele ou afligir-se por sua causa. (POE, 2013, n.p.).

A iniciativa de refugiar-se com seus asseclas nessa pseudo bolha de isolamento, demonstra com clareza a natureza humana do Príncipe, ou seja, uma personagem centrada no próprio exotismo e egocentrismo oriundos da sua posição social. De modo que, em momento algum da narrativa, ele demonstra desconforto ou constrangimento com as suas atitudes, nem tampouco com o abandono em relação aos menos favorecidos.

O que demonstra um panorama semelhante ao que se enfrenta na atualidade em relação às desigualdades; pois,

em geral os grupos populacionais com acesso restrito à infraestrutura urbana são aqueles em piores condições socioeconômicas e residentes em áreas de ocupação, espaços produzidos por um processo de urbanização acelerado, incompleto e



desigual. (Costa e Monte-Mor, 2002; Maricato, 2003; Bueno, 2008; Rolnik, 2009 apud JOHANSEN; CARMO; ALVES, 2016, p. 422).

Essas desigualdades são tão somente o reflexo de que “o velho direito de *causar a morte* ou *deixar viver* foi substituído pelo poder de *causar a vida*” (BERTOLINI, 2018, p. 88), ou seja, “agora é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação. A morte é o limite, o momento que lhe escapa. Ela se torna o ponto mais secreto da existência, o mais privado” (FOUCAULT, 1988, p. 151).

Exercendo esse papel imponderável no contexto da existência humana e das relações sociais, tanto na ficção quanto na realidade, as epidemias expõem, então, o papel que o Biopoder tende a desempenhar, ou seja, ele é “indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, pois o capitalismo só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos nos aparelhos de produção e por meio de um ajustamento de fenômenos de população aos processos econômicos” (BERTOLINI, 2018, p. 88).

Sendo assim, pelas práticas do Biopoder e da Biopolítica permite-se que as parcelas mais vulneráveis da população sejam mais expostas ao risco da contaminação para não prejudicar os interesses econômicos das classes dominantes.

Entretanto, há conjunturas que extrapolam os limites da racionalidade e da previsibilidade. É o caso das epidemias. Agentes infectocontagiosos não reconhecem os limites e ordenamentos impostos pelas sociedades; são livres, invisíveis e rápidos na sua ação patológica e letal.

De modo que a personagem da Morte Rubra consegue materializar essa compreensão; pois, ela se apresenta envolta em mistério, ao ponto de conseguir romper os esforços do Príncipe e adentrar ao castelo para cumprir a sua sina mortal. “E antes que se esvanecesse o eco da última badalada, muitos dos convivas puderam perceber a presença de um novo mascarado, que, até então, não atraía as atenções” (POE, 2013, n.p.).

Para descrever essa premissa básica da epidemiologia, Allan Poe se valeu dos requintes do Gótico, do suspense aterrorizante, visto que este “surge para perturbar a superfície calma do realismo e encenar os medos e temores que rondavam a nascente



sociedade burguesa” (VASCONCELOS, 2002, p.122), conforme se nota no trecho a seguir: “Entre murmúrios, propagou-se a notícia da nova presença; elevou-se da companhia um zum-zum, um rumor de desaprovação e surpresa, a princípio; de terror, de horror e de náusea, depois” (POE, 2013, n.p.).

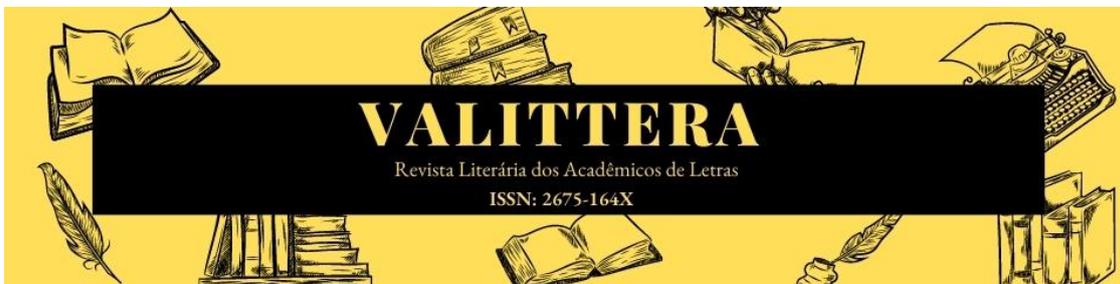
Apesar de todas as precauções do Príncipe, o controle mostrou-se relativo, pois como escreveu Goldenberg (2011),

há dois valores absolutamente indispensáveis para uma vida feliz. Um é a segurança, o outro é a liberdade. Para ele, não é possível ser feliz e ter uma vida digna e satisfatória na ausência de qualquer um dos dois. Segurança sem liberdade é escravidão. Liberdade sem segurança é caos. (GOLDENBERG, 2011, n.p.).

Allan Poe não deixou de esbanjar toda uma construção de pompa e circunstância por meio do “uso de imagens fortes e os ambientes grotescos que evocam sensações extremas”; pois, “o gótico é frequentemente exagerado na sua representação das emoções” (PEREIRA; LIMA, 2018, p. 53):

A despeito de tudo isso, a folia ia alegre e magnífica. Os gostos do duque eram originais. Tinha ele olho esperto para cores e efeitos. Desprezava as maneiras da moda em vigor. Seus projetos eram audazes e vivos; suas concepções esplendiam de um lustro bárbaro. Muitos acreditariam tratar-se de um louco. Seus adeptos, porém, sabiam que não. Era preciso ouvi-lo, vê-lo e tocá-lo para assegurar-se de seu juízo perfeito. Em grande parte, ele comandara pessoalmente a caprichosa decoração das salas para a grande *fête*; sob sua orientação, haviam sido escolhidas as fantasias. Sem dúvida, elas eram grotescas. Havia muito brilho, muita pompa, muita coisa fantástica, muito daquilo que, desde então, pode-se ver em Hernani. Havia figuras arabescas, com membros e adornos desproporcionados. Havia fantasias delirantes, invenções de louco. Havia muito de belo, de atrevido, de bizarro, algo de terrível, capaz em não pouca medida de provocar aversão. Para lá e para cá, nas sete salas, movimentava-se uma multidão de sonhos. E esses sonhos andavam de um canto a outro, impregnando-se do colorido das salas, fazendo a música extravagante da orquestra soar como o eco de seus passos. (POE, 2013, n.p.).

Mas, tudo isso se faz inócuo se a questão é que “o nosso grande dilema [...] queremos ter liberdade e segurança ao mesmo tempo” (GOLDENBERG, 2011, n.p.), sejam quais forem as conjunturas.



O conto de Poe revela o descalabro da arrogância dos que detêm o poder, na medida em que a morte não pode ser controlada; ela é um fato consumado que se impõe à revelia:

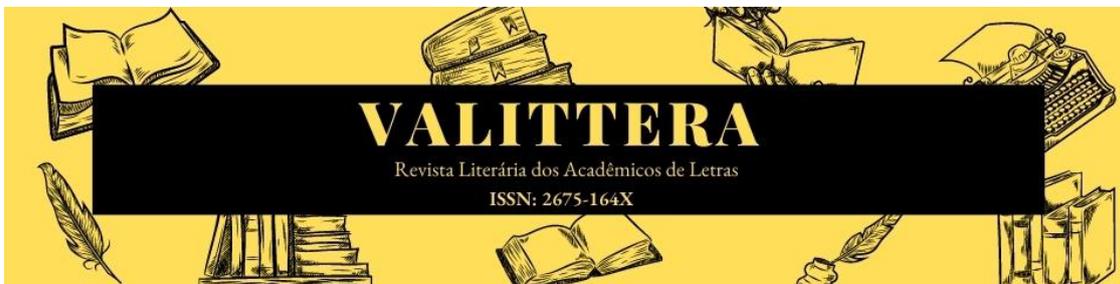
Mesmo para os perversos, para quem vida e morte são brinquedos igualmente frívolos, há assuntos sobre os quais não se admitem brincadeiras. Todos os presentes pareciam se dar conta de que, nos trajés e nas atitudes do estranho, nada havia de espirituoso ou de conveniente. Alto e lívido, vestia uma mortalha que o cobria da cabeça aos pés. A máscara que lhe escondia as feições imitava com tanta perfeição a rigidez facial de um cadáver que nem mesmo a um exame atento se perceberia o engano. E, no entanto, tudo isso seria, se não aprovado, ao menos tolerado pelos presentes, não fora a audácia do mascarado em disfarçar-se de Morte Rubra. Suas vestes estavam salpicadas de sangue; sua ampla frente, assim como toda a face, fora borrifada com horrendas manchas escarlates. [...] E a Escuridão, a Ruína e a Morte Rubra estenderam seu domínio ilimitado sobre tudo. (POE, 2013, n.p.).

A morte corporifica-se no conto e iguala nobres e plebeus, poderosos e miseráveis, pois ninguém consegue escapar da sua fatalidade, que vitima a todos indistintamente. Sendo assim, “seria talvez preciso renunciar a crer que o poder enlouquece e que em compensação a renúncia ao poder é uma das condições para que se possa tornar-se sábio” (FOUCAULT, 1989, n.p.). Portanto, o poder ou a renúncia a ele não impedem a ação da morte, pois nada pode detê-la. Talvez, a prudência e a consciência do seu poder aniquilador sejam a única maneira de enfrenta-la ou, pelo menos, tentar minimizar os seus efeitos devastadores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada à complexidade que permeia as temáticas desse artigo, essa breve análise confirma que “os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática” (CÂNDIDO, 2011, p.175).

Afinal de contas, a “determinação social da obra literária é decisiva e em que o juízo estético não pode prescindir da relação com o mundo social e histórico que lhe proporcionaria uma matriz de significações” (ALTAMIRANO; SARLO, 2001, p. 8 apud BOTELHO; HOELZ, 2016, p. 266).



Nesse contexto, como bem alertam Bauman e Donskis (2014),

o desafio é uma busca de sensibilidade, de novas formas de agir de maneira adequada aos seres humanos, busca que, em estrita colaboração com as ciências humanas e sociais, cria um novo campo global de compreensão mútua, crítica social e autointerpretação. Sem a emergência desse tipo de campo, não fica claro o que está à espera da filosofia, da literatura e do jornalismo. Se eles caminharem juntos, vão sobreviver e se tornar mais importantes que nunca. Caso se separem ainda mais, todos nos tornaremos bárbaros. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, n.p.).

Por isso, mergulhando pelas entrelinhas de “*A Máscara da Morte Rubra*”, de Edgar Allan Poe, se tem a perspectiva de que muitos discursos apreendidos a partir dessa leitura podem ser considerados atemporais dentro dessa perspectiva “global de compreensão mútua, crítica social e autointerpretação”, o que é de certo modo favorecido pelo viés narrativo escolhido, pois “o terror nos atrai porque ele diz, de uma forma simbólica, coisas que teríamos medo de falar abertamente, aos quatro ventos; ele nos dá a chance de exercitar (veja bem: *exercitar*, e não *exorcizar*) emoções que a sociedade nos exige manter sob controle” (KING, 2012, p. 60, grifo do autor).

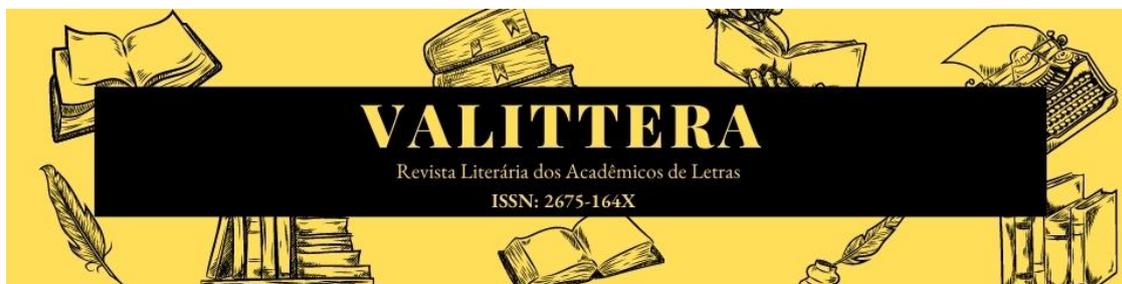
Assim, os limites entre o século XIX, quando o conto foi escrito, e o século XXI, em que a sociedade vive a realidade da Pandemia da COVID-19, se desfazem porque o modo como a leitura é proposto, em termos de estrutura, faz com que qualquer leitor, em qualquer tempo, em qualquer conjuntura seja capaz de promover sua própria análise crítico-reflexiva contextualizada.

Afinal, como escreveu Vargas Llosa (2013, p. 67), “a cultura pode e deve ser, também, experimentação, é claro, desde que as novas técnicas e formas introduzidas pela obra ampliem o horizonte da experiência da vida”. Dentro desse contexto ela se torna um instrumento de reflexão sobre a identidade cultural particular de cada indivíduo a fim de tornar possível extrair não apenas seus pensamentos, sentimentos e emoções em relação à obra; mas, também, permitindo sua inserção humana neste ou naquele lugar social.



REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. 199p.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 280p.
- BAUMAN, Z.; DONKIS, L. *Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. 264p. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-cegueira-moral-zygmunt-bauman-em-pdf-epub-e-mobi/>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- BERLINGUER, G. Globalização e saúde global. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 13, n. 35, p. 21-38, Jan./Abr. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v13n35/v13n35a03.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- BERRIEL, C. Trunfo de Antonio Candido foi aproximar literatura e sociedade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 mai. 2017. Ilustríssima. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/05/1885519-trunfo-de-antonio-candido-foi-aproximar-literatura-e-sociedade.shtml>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- BERTOLINI, J. O conceito de Biopoder em Foucault: apontamentos bibliográficos. *SABERES, Natal*, RN, v. 18, n. 3, p. 86-100, Dez. 2018.
- BORGES, I. A. B. G.; PAES, F. de S. Leitura e literatura: o letramento literário como possibilidade de intelectualização. *Aedos*, Porto Alegre, v. 9, n. 21, p. 244-264, Dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/75837>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- BOTELHO, A.; HOELZ, M. Sociologias da Literatura – Do Reflexo à Reflexividade. *Tempo Social*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 263-287, Dez. 2016.
- CÂNDIDO, A. *Vários escritos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- CORACINI, M. J. R. F. “Concepções de Leitura na (Pós-) Modernidade”. In: LIMA, R. C. de C. P. (Org.). *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista: Unifeob, 2005. p. 15-44.
- DALCANALLE, L.; MASSAGLI, R. S. *A Literatura de Terror como incentivo à leitura de textos literários para pré-adolescentes*. 2015. 14 f. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/311/1/DALCANALLE.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- DINIZ, F. R. A.; OLIVEIRA, A. A. de. Foucault: do poder Disciplinar ao Biopoder. *Scientia*, Sobral, CE, v. 2, n. 3, p. 01-217, Nov. 2013/Jun.2014. Disponível em: http://www.faculdade.flucianofejiao.com.br/site_novo/scientia/servico/pdfs/VOL2_N3_FRANCISCOMULOALVESDINIZ.pdf. Acesso em: 23 jul. 2020.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Disponível em:



https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf. Acesso em: 28 jul. 2020.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organizado e Revisado por Roberto Machado. 8.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-microfisica-do-poder-michel-foucault-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 28 jul. 2020.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção tópicos)

FOUCAULT, M. Crise da medicina ou crise da antimedicina. *Verve*, São Paulo, n. 18, p. 167-194, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/8646>. Acesso em: 23 jul. 2020.

FURTADO, R. N.; CAMILO, J. A. de O. O Conceito de Biopoder no pensamento de Michel Foucault. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 16, n. 3, p. 34-44, Dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v16n3/03.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2020.

GOLDENBERG, M. A fórmula da felicidade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 out. 2011. Equilíbrio, Outras Ideias. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq2510201101.htm>. Acesso em: 24 de jul. 2020.

JOHANSEN, I. C.; CARMO, R. L. do; ALVES, L. C. Desigualdade social intraurbana: implicações sobre a epidemia de dengue em Campinas, SP, em 2014. *Caderno Metropolitano*, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 421-440, Jul. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cm/v18n36/2236-9996-cm-18-36-0421.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2020.

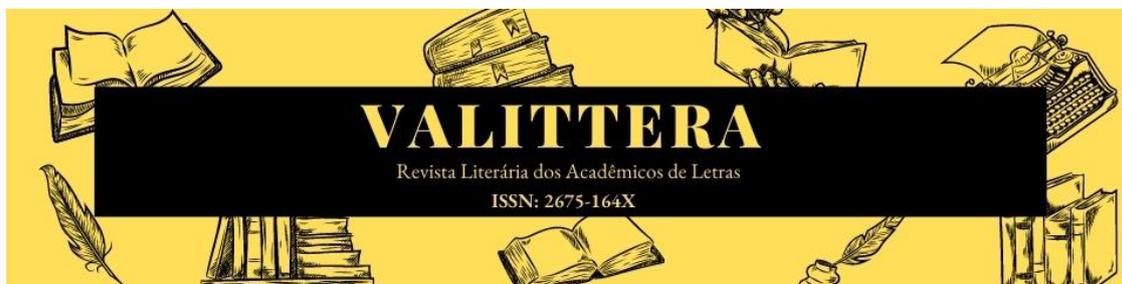
KING, S. *Dança macabra: o terror no cinema e na literatura dissecado pelo mestre do gênero*. Traduzido por Louisa Ibañez. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

OLIVEIRA, L. P. de. ZYGMUNT BAUMAN: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida. *Sem Aspas*, Araraquara, v. 1, n. 1 p. 25-36, Jan./Jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/6970>. Acesso em: 23 jul. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS-BRASIL). Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). 22 jul. 2020 (atual). Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 23 jul. 2020.

PEREIRA, R. de C. M.; LIMA, M. P. de. Considerações sobre o gótico e seus reflexos na sociedade: uma leitura de *Drácula*, de Bram Stoker. *Revista de Letras*, Curitiba, PR, v. 20, n. 31, p. 49-70, Jul./Dez. 2018.

POE, E. A. “A Máscara da Morte Rubra”. In: Vários autores (Org.). *A Causa Secreta e Outros Contos de Horror*. São Paulo: Boa Companhia, 2013. Disponível em: <https://rl.art.br/arquivos/6268631.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2020.



REZENDE, J. M. “As grandes epidemias da história”. In: REZENDE, J. M. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. p. 73-82. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8kf92/pdf/rezende-9788561673635-08.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

RODRIGUES, S. *Pandemias e Hollywood: o olhar do cinema para as doenças infecciosas*. 24 abr. 2020. Disponível em: <http://www.cienciaexplica.com.br/ociocientifico/pandemias-e-hollywood-o-olhar-do-cinema-para-as-doencas-infecciosas/>. Acesso em: 24 jul. 2020.

ROSSI, A. D. Manifestações e configurações do gótico nas literaturas inglesa e norte-americana: um panorama. *Ícone*, São Luís de Montes Belos, GO, v. 2, p. 55-76, Jul. 2008.

SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. *Alfabetização e letramento: conceitos e relações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, R.F.S. “O Horror na Literatura Gótica e Fantástica: uma breve excursão de sua gênese à sua contemporaneidade”. In MAGALHÃES, A.C.M. et al. (Org.). *O demoníaco na literatura*. Campina Grande: EDUEPB [online], 2012. p. 239-254.

SOUZA, D. S; CAVALCANTE, L. R, G. “Figurações do gótico em O fantasma da Ópera: interseções entre a literatura e o cinema”. In: ROSSI, A. D; SÁ, L, F. (Org.). *O Gótico e suas interseções teórico-críticas*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014, p. 8-27.

UJVARI, S. C. *A História e suas Epidemias*. A convivência do homem com os microorganismos. 2.ed. São Paulo: Editora SENAC, 2003, 312p.

VARGAS LLOSA, M. *A civilização do espetáculo: Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. 207p.

VASCONCELOS, S, G. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.

ZILBERMAN, R. O papel da literatura na escola. *Revista Via Atlântica*, São Paulo, n.14, p. 11-22, Dez. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 23 jul. 2020.

Recebido em 07/05/2021.

Aceito em 28/08/2021.